

Entrevista a Henrique Mann.

Hoje, no ano 2001, o destino dos artistas são os selos independentes, porque só existem três ou quatro grandes gravadoras que não dão a menor bola para a música brasileira. Qualquer música de boa qualidade tem dificuldades, não é só a música gaúcha. As grandes companhias já estão em franca derrocada. Já fiquei muito brabo com gravadoras, por não quererem lançar meus discos, mas hoje isso não tem mais sentido. Os músicos vão ter de criar os seus próprios caminhos.

Nos anos 60, houve uma movimentação cultural muito importante aqui no Rio Grande do Sul. Era uma coisa ligada ao movimento mundial da juventude que reivindicava liberdade de expressão, sexual e etc. Quando veio o AI-5 em 68, houve uma debandada geral. Eu achei um ato heróico de quem ficou e batalhou, mas foi lamentável a perda de muitos talentos e compositores que não puderam desenvolver suas carreiras por causa da repressão política. Por outro lado, surgiu uma geração nova que se refugiou em festivais como a Califórnia. Já, para mim, pode até ter tido um lado bom, porque incorporei linguagens latinas e sul-americanas que talvez não tivesse visto tão de perto se não tivesse morado no Chile e na Argentina. Conviver intensamente com a música daqueles países foi um privilégio para mim, e isso se manifesta nos meus discos.

Esses confrontos sobre modernização ou não da música gaúcha são antigos. Quando tirei segundo lugar com O Gaúcho, no Festival Sulbrasileiro de 68, fui agredido por tradicionalistas. Tinha um cara chamado Ciro Gavião que onde pudesse, falava mal de mim, dizia que eu estava misturando samba na música gaúcha, que isto era absurdo e etc. Mas isso vem mesmo é dessa turma que detém o 'negócio' do nativismo. São comunicadores e produtores que têm um esquema montado para isso e não querem mudanças. Eu até acho que os gêneros musicais devem ser mesmo preservados. Não sou a favor da destruição das raízes, mas é evidente que a música evolui e os gêneros que se consideram "gaúchos" já são resultado da transformação de coisas que vêm de outros lugares. É claro que é importante preservar as origens e estudá-las, mas atacar a modernização é uma bobagem. A música é um espaço de liberdade de criação.

Quando eu era criança, era fã da Elis Regina. Depois tive a oportunidade de conhecê-la aqui em Porto Alegre e ser gravado por ela em São Paulo. Se ela tivesse gravado mais autores gaúchos, seria bom para a nossa música, mas eu não culpo ela, porque o meio é muito difícil, tinha um esquema profissional ligado às grandes gravadoras, mas mesmo assim, ela sempre gravou novos autores e fez a carreira de muita gente. Ela nem precisava ter gravado a minha música nem a do Jerônimo; para ela isso não faria diferença, para nós sim é que era um referencial.

O mais importante para a música no período da ditadura militar era o elo de cumplicidade que se estabelecia com o público. As pessoas eram a favor da anistia, da liberdade de expressão, contra o regime militar e identificavam nos artistas esses sentimentos. Aquela aura de resistência ao regime impregnava todo o ambiente e as pessoas lotavam os shows porque era uma maneira de se manifestarem. Era o público que se sentia representado. Para mim, isso era mais importante do que as composições. Depois a tal

decadência da MPB que se fala tanto foi justamente porque deixou de existir essa empatia; as pessoas foram direto para os comícios exigir eleições diretas, e aí já era outra coisa.

O golpe final na MPB clássica foi o Rock In Rio. A coisa parou no Djavan ou no Milton Nascimento. Aquele mega investimento de capital internacional marca a era da hegemonia de uma linguagem sobre as outras na música brasileira. Eu acho que o Cazuza como músico não tem o menor fundamento, assim como o Renato Russo não podia ser cantor; no entanto, são astros incrustados na memória musical do país. São frutos desse processo industrial que gerou depois outros modismos passageiros e acabou levando à derrocada do sistema fonográfico no Brasil. Não dá para comparar essas gerações, os compositores dos últimos vinte e cinco anos com Chico Buarque ou Tom Jobim. Isso é coisa das gravadoras que estão sempre a fim de algum fenômeno de vendas. Elas procuram bases sociais que possam sustentar determinadas produções. Por exemplo, esse falso sertanejo moderno vai ao encontro da moda do interior de São Paulo que tem grana para consumir e já não quer mais Pena Branca e Xavantinho. Esse horripilante pagode atual vem das favelas paulistas, porque no Rio de Janeiro já é intolerável, lá se faz o samba de raiz. As gravadoras procuram usar essas coisas que funcionam em determinadas áreas e sabem que vai durar pouco tempo, porque o Brasil tem uma diversidade cultural muito forte e as culturas regionais acabam reagindo a isto.

Conheci muitos músicos gaúchos radicados no exterior. Há vários músicos negros de Bagé, por exemplo, que moram em Buenos Aires e tocam samba. Não encontraram mercado aqui, foram para lá. O Rio Grande do Sul tem uma identificação muito grande com o Brasil e também com os povos do Prata. Não dá para pensar no samba de Lupicínio sem saber que ele escutava o tango das rádios argentinas e por isso aquela coisa trágica da dor-de-cotovelo. Por outro lado, ao mesmo tempo que temos um samba forte a música gauchesca está, hoje, assimilando o bombo leguero ou o três quartos do chamamé que até pouco tempo atrás era coisa de “correntino”. Ora, a gente sabe que “correntino” é sinônimo de ladrão e trapaceiro em grande parte do estado, mas o chamamé caiu no gosto popular e hoje predomina nos bailes. Quando organizei o Latino Música em Pelotas, sabia que havia essa necessidade de integração das culturas latinas. Isso é importante para nós como possibilidade de criação musical e de mercado. Agora, se essa integração não funcionar do ponto de vista econômico, entre os governos e as grandes empresas, fica uma coisa esporádica, só no campo das boas intenções.